

O MUSEU DO HOMEM AMERICANO EM SÃO RAIMUNDO NONATO - PI: Um espaço de educação não formal sobre os povos pré- históricos na região

Marcilene Paes dos Santos¹

Maria Juliana Farias Silva²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir o Museu do Homem Americano como espaço de educação não formal voltado à compreensão dos povos pré-históricos da região de São Raimundo Nonato, Piauí. Criado com o intuito de preservar e divulgar o patrimônio cultural deixado pelos povos que habitaram a região há milhares de anos, o museu desempenha um papel fundamental na preservação e difusão de achados arqueológicos, como instrumentos, urnas funerárias e vestígios da megafauna. Em sua estrutura, dispõe de auditório, anfiteatro, loja, sala para exposições temporárias e diversos objetos históricos encontrados na região. O referencial teórico fundamenta-se em autores como Sasseron e Carvalho (2011), Marandino (2017) e Lopes (2020), que discutem a importância dos museus como espaços de educação não formal que propicia a alfabetização científica a partir da promoção do conhecimento. A pesquisa, de abordagem qualitativa e natureza bibliográfica, baseou-se na análise de cinco estudos publicados entre 2015 e 2025. Os resultados evidenciam que o Museu do Homem Americano contribui significativamente para a valorização do patrimônio arqueológico nacional, para a formação científica e cultural do público visitante e para o fortalecimento e preservação da região da Serra da Capivara. Com isso, observa-se sua pertinência para a educação, ao proporcionar a estudantes de diferentes faixas etárias, do ensino básico ao superior, e a visitantes em geral a oportunidade de expandir seus saberes por meio de suas exposições. Conclui-se, portanto, que, além de preservar vestígios do passado, o museu cumpre importante função educativa e social na difusão do conhecimento sobre o patrimônio cultural, fortalecendo o vínculo dos visitantes, especialmente estudantes, com a história local e o reconhecimento de sua identidade cultural.

Palavras-chave: Educação Não Formal, Museu, Alfabetização Científica, Pré-História, Achados arqueológicos.

INTRODUÇÃO

Os museus têm se consolidado, nas últimas décadas, como espaços de educação não formal, tendo em vista que o papel dos museus é preservar a memória do passado, bem como contribuir com a difusão do conhecimento, o que promove ao visitante uma formação cultural. Assim, deixam de ser locais apenas de visitação e contemplação, tornando-se ambientes de pesquisa, investigação científica e aprendizagem. Além disso,

¹ Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza da Universidade Federal do Vale do São Francisco - PI, marcilene.paes@discente.univasf.edu.br;

² Professora orientadora e efetiva no Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza da Universidade Federal do Vale do São Francisco – PI (UNIVASF): Mestre pelo curso de Educação em Ciências e Matemática da Universidade Estadual de Santa Cruz - BA (UESC), maria.julianasilva@univasf.edu.br.



os museus têm se destacado como importantes atrativos turísticos, desempenhando papel relevante na valorização dos territórios e preservação do patrimônio histórico e cultural.

O processo de institucionalização dos museus brasileiros teve um marco significativo com a criação do primeiro grande Museu Nacional, o Museu Imperial, fundado por D. João VI em 1818. Inicialmente, esses espaços eram inspirados nos modelos europeus, locais estáticos, que não promoviam uma interação do público visitante com o acervo exposto. Tais acervos eram voltados para o armazenamento e a exibição de obras de arte, artefatos biológicos e mineralógicos, destinados sobretudo à elite (Santos, 2004; Jacobucci, 2008).

Contudo, a partir da década de 1970, os museus passaram por uma transformação, em resposta a críticas que os apontavam como reprodutores de histórias oficiais e excludentes. Essa mudança coincidiu com o avanço dos meios de comunicação em massa e com a ampliação do acesso da população a espaços culturais, o que impulsionou novas práticas museológicas, mais interativas, educativas e voltadas à diversidade de públicos (MacDonald, 1998).

Nesse contexto de reconfiguração dos museus como espaços educativos, destaca-se o Museu do Homem Americano, localizado em São Raimundo Nonato, Piauí. Criado em 1986 e situado na sede da Fundação Museu do Homem Americano (Fumdhm), o museu abriga uma exposição permanente que apresenta parte dos achados arqueológicos da região, contextualizando as pinturas rupestres e reconstruindo aspectos do modo de vida dos primeiros povos que habitaram as Américas. O acervo inclui apresentação audiovisual de pinturas rupestres encontradas no Parque Nacional da Serra da Capivara e exemplares das escavações conduzidas nas décadas de 1970 e 1980 pela Missão Franco-Brasileira, sob a liderança da arqueóloga Niède Guidon (Gonçalves, 2016).

A atuação de Niède Guidon foi decisiva para a consolidação das pesquisas arqueológicas no semiárido piauiense. Nascida em Jaú (SP), formou-se em História Natural pela Universidade de São Paulo (USP) e doutorou-se em Pré-História pela Universidade Paris 1 *Panthéon-Sorbonne*. Sua contribuição foi essencial para a criação do Parque Nacional Serra da Capivara e do Museu do Homem Americano, instituições fundamentais para a preservação e difusão do patrimônio cultural pré-histórico da região (Fumdhm, s.d.).

Este trabalho tem como objetivo discutir o Museu do Homem Americano como espaço de educação não formal que contribui para a compreensão dos povos pré-



históricos da região de São Raimundo Nonato, Piauí. A pesquisa foi desenvolvida por meio de levantamento bibliográfico sobre o papel educativo e social do museu.

O Museu do Homem Americano, ao integrar ciência, cultura e educação, constitui-se como um espaço de divulgação do conhecimento arqueológico e histórico, aproximando a comunidade local e os visitantes de sua própria identidade cultural. Portanto, o presente trabalho evidencia a importância dos museus como mediadores entre o saber científico e a sociedade, reforçando sua função formativa e social na difusão da memória dos primeiros povos da América.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa (Minayo, 1994), por buscar interpretar e refletir criticamente sobre aspectos teóricos e simbólicos relacionados ao povoamento humano nas Américas, com base nas descobertas arqueológicas realizadas na região da Serra da Capivara.

Assim, caracteriza-se como do tipo bibliográfica, realizada a partir da análise de estudos relacionados ao tema. O levantamento bibliográfico foi realizado na base de dados *Google Acadêmico*, cuja escolha se deu por ser uma plataforma de fácil acesso, amplamente utilizada e simples de pesquisar literatura acadêmica, permitindo reunir um conjunto diversificado e relevante de publicações.

A busca foi conduzida utilizando os seguintes descritores: “Museu do Homem Americano” *AND* “Teoria” *AND* “Povoamento” *AND* “Américas”. O uso dos operadores *booleanos*, como o *AND*, possibilitou refinar a pesquisa ao restringi-la apenas aos estudos que contemplassem simultaneamente todos os termos, ou seja, pesquisas que articulassem o respectivo museu, aspectos teóricos e discussões sobre o papel educativo em relação à exposição do acervo sobre o povoamento do continente americano. Essa estratégia aumentou a precisão dos resultados e garantiu maior coerência com os objetivos da investigação.

O recorte temporal adotado abrangeu o período de 2015 a 2025, de modo a contemplar estudos dos últimos dez anos. A busca inicial resultou em 99 estudos, que passaram por uma triagem baseada na leitura dos títulos e palavras-chave. Na sequência, foram selecionados 12 estudos para leitura dos resumos, a fim de identificar aqueles que abordavam, direta ou indiretamente, as teorias sobre o povoamento das Américas e/ou o papel do Museu do Homem Americano nessas narrativas arqueológicas. Após essa etapa,



permaneceram cinco (5) estudos, sendo quatro artigos científicos e uma dissertação de mestrado, que serviram de base para a análise final.

Para fins de organização e clareza no processo de análise, adotou-se uma codificação dos estudos analisados. Cada produção foi identificada com a letra “E”, referente à palavra “Estudo”, seguida de um numeral sequencial, visando facilitar a organização e a referência durante o processo analítico.

Por se tratar de uma pesquisa de caráter bibliográfico, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), uma vez que não envolveu diretamente seres humanos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação Não Formal abrange práticas educativas que ocorrem fora do sistema formal de ensino, como museus, centros de ciência e unidades de conservação (Marandino, 2017). Nos últimos anos, tem-se ampliado o debate sobre esse conceito. Gohn (2006) destaca que se trata de um termo em constante construção, cuja definição envolve múltiplas perspectivas e depende da participação ativa da sociedade civil em sua consolidação.

A Educação Não Formal vem se consolidando como uma modalidade educativa de grande relevância, pois promove a interação entre espaços educativos e públicos diversos, como estudantes, pesquisadores e a população em geral. Esses espaços também possibilitam ao educador o desenvolvimento de práticas de ensino diferenciadas das que ocorrem em sala de aula, despertando o interesse, a curiosidade e o aprendizado dos visitantes. Assim, ampliam-se as oportunidades de construção de novos conhecimentos e de valorização do saber científico e cultural.

Políticas públicas voltadas à inclusão social têm sido implementadas por meio do incentivo à criação de museus e centros de ciência, da realização de feiras e olimpíadas científicas, bem como da promoção de semanas nacionais de ciência e tecnologia. Essas ações têm como finalidade ampliar o acesso e a qualidade das iniciativas de educação e divulgação científica.

Nesse contexto, destaca-se o papel da Alfabetização Científica, que, assim como a Educação Não Formal, constitui um conceito amplo e em constante construção. A Alfabetização Científica tem sido objeto de intensa discussão entre autores e



pesquisadores, que a compreendem como um processo fundamental para a formação crítica, reflexiva e participativa dos sujeitos na sociedade contemporânea.

Sasseron e Carvalho (2011) apresentam diferentes concepções sobre a Alfabetização Científica e destacam três eixos estruturantes: o primeiro refere-se à compreensão básica de termos, conhecimentos e conceitos científicos fundamentais; o segundo relaciona-se à compreensão da natureza da ciência e dos fatores éticos e políticos que envolvem sua prática; e o terceiro eixo diz respeito ao entendimento das relações entre ciência, tecnologia, sociedade e meio ambiente.

Os conceitos de Educação Não Formal e de Alfabetização Científica se complementam, pois ambos buscam democratizar o acesso ao conhecimento, promover o pensamento crítico e incentivar a aprendizagem em contextos diversos. Dessa forma, configuram-se como dimensões essenciais para o fortalecimento da educação e para a ampliação do diálogo entre ciência e sociedade.

Dentro dessa perspectiva, destaca-se o Museu do Homem Americano como um importante espaço de Educação Não Formal. Localizado em São Raimundo Nonato, Piauí, o museu reúne vestígios arqueológicos dos primeiros habitantes das Américas, especialmente da região da Serra da Capivara. Trata-se de um espaço que, além de preservar a memória histórica e cultural, possibilita experiências educativas que articulam conhecimento científico e saberes sociais, podendo, portanto, ser associado à prática da Alfabetização Científica.

A exposição permanente do Museu do Homem Americano o consolida não apenas como um local de visitação turística, mas também como um espaço de pesquisa e divulgação científica. O museu estabelece conexões entre passado e presente, despertando o interesse educativo de turistas, estudantes, pesquisadores e da comunidade local, que têm a oportunidade de conhecer mais sobre a história dos povos pré-históricos que habitaram a região da Serra da Capivara.

Lopes (2020) destaca que, ao denominar-se “Museu do Homem Americano”, a instituição define, caracteriza e classifica qual é o “homem” sobre o qual se fala. Esse gesto constrói e direciona o sentido atribuído ao objeto, inserindo-o em um processo contínuo de significação. Ao afirmar que o museu trata do “Homem Americano”, estabelece-se um recorte sobre quem é esse homem e, ao mesmo tempo, silenciam-se outros sentidos e possibilidades interpretativas.

O referido museu é resultado de mais de quatro décadas de pesquisa arqueológica, fruto dos trabalhos realizados pela arqueóloga Niède Guidon e sua equipe franco-



brasileira. Suas descobertas revolucionaram o campo da arqueologia ao desafiar a teoria do Clovis First, predominante nos Estados Unidos, ao evidenciar a presença humana nas Américas em um período muito anterior ao até então reconhecido.

Oliveira e Marandino (2024) destacam que o Museu do Homem Americano apresenta possibilidades de problematizar diferentes temas e de identificar as controvérsias envolvidas nas discussões sobre as rotas, a chegada e o povoamento do continente americano; o significado das pinturas rupestres e a relação do homem ancestral com o ambiente; as datações das evidências da presença humana na região; bem como os processos de desapropriação das terras e a remoção das populações que habitavam o atual perímetro do Parque Nacional Serra da Capivara.

Dessa forma, o Museu do Homem Americano se consolida como um espaço dinâmico de construção de significados, ao articular passado e presente, ciência e cultura, promovendo reflexões sobre como, de fato, ocorreu o processo de povoamento das Américas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos cinco estudos selecionados revelou diferentes perspectivas sobre o papel educativo, científico e social do Museu do Homem Americano, destacando sua relevância como espaço de produção e divulgação do conhecimento. A seguir, apresenta-se o Quadro 1, que sintetiza as principais informações referentes aos cinco estudos analisados.

Quadro 1 – Estudos selecionados para a análise

CÓDIGO	AUTORES(AS)/ANO	TÍTULO	TIPO/FONTE
E1	Maraisa Lopes (2020)	Museu, para quê? : compreensões sobre o Museu do Homem Americano	Artigo – Revista RUA, do Laboratório de Estudos Urbanos do Nudecri/Unicamp
E2	Antoine Lourdeau (2019)	A Serra da Capivara e os primeiros povoamentos sul-americanos: uma revisão bibliográfica	Artigo – Boletim do Museu Paranaense Emílio Goeldi



E3	Cleide Maria de Carvalho Silva (2018)	O legado da história: as pinturas rupestres dos sítios arqueológicos da Serra da Capivara – PI	Artigo – Revista Contraponto
E4	Cristiane Bucu; Gabriel Oliveira; Michel Justamand; Vitor Almeida; Antoniél Gomes Filho; Vanessa Belarmino (2020)	O papel das mulheres ancestrais nas pinturas rupestres do parque nacional Serra da Capivara-PI, Brasil	Artigo – Revista Memória em Rede
E5	Rosa Maria Gonçalves (2016)	Do outro lado do espelho fundamentos teórico-poéticos para o Museu do Homem Americano	Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

A partir da leitura e análise dos trabalhos E1, E2, E3, E4 e E5, observa-se que o Museu do Homem Americano emerge como um espaço plural de significação, memória e produção científica sobre os primeiros povoamentos das Américas. As pesquisas analisadas evidenciam como o museu ultrapassa a função expositiva e consolida-se como um ambiente de construção de sentidos, de preservação de identidades e de divulgação do conhecimento arqueológico.

No estudo E1, o foco recai sobre a dimensão simbólica e discursiva do museu, sobre quem é esse “homem” representado e quais narrativas são evidenciadas. O museu é interpretado como um espaço vivo, que “pulsar” e se constitui como um lugar de memória e significação, onde o visitante é convidado a refletir sobre sua própria condição histórica e cultural.

O estudo E2 aprofunda a análise arqueológica da região, ressaltando que a Serra da Capivara abriga a maior concentração de sítios pré-Último Máximo Glacial das Américas, como o Pedra Furada e o Sítio do Meio. Essas descobertas desafiam modelos tradicionais de povoamento do continente e sustentam o papel do museu como difusor de



um conhecimento que reconfigura as narrativas sobre as origens humanas no continente americano.

De modo complementar, o trabalho E3 traz uma perspectiva interpretativa das teorias migratórias, mencionando que os achados da região podem fortalecer hipóteses de chegadas marítimas de povos oriundos da Polinésia e Oceania. Além do valor científico, o estudo destaca que o museu materializa essas descobertas, tornando-as acessíveis ao público por meio da exposição de instrumentos líticos e artefatos produzidos pelos primeiros habitantes. Assim, o MHA atua como elo entre ciência, cultura e educação, aproximando o visitante dos debates arqueológicos contemporâneos.

O estudo E4 enfatiza o caráter interdisciplinar das pesquisas desenvolvidas pela equipe franco-brasileira vinculada à Fumdam, responsável por levantar um acervo diversificado de pinturas, gravuras, fósseis, cerâmicas e materiais líticos. Essa produção científica consolidou a Serra da Capivara como um polo de referência internacional, e o museu, por sua vez, torna-se o espaço que traduz esse conhecimento em experiência educativa, estimulando a curiosidade, a investigação e a valorização do patrimônio cultural e natural.

O estudo E5 contribui com uma reflexão museológica e identitária, ao afirmar que cada objeto arqueológico é portador de uma memória, cabendo à arqueologia resgatá-lo e à museologia devolvê-lo ao público. Nesse processo, o MHA se configura como um ativador de processos identitários, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a valorização das origens humanas.

É válido ressaltar que, embora o museu cumpra sua função educativa, suas exposições devem ser acompanhadas de recursos explicativos e ações interativas, de modo a facilitar a compreensão dos objetos e promover uma articulação eficaz entre o conteúdo científico e o entendimento dos visitantes. Essas estratégias tornam o conhecimento mais acessível, favorecem a democratização do saber científico e ampliam o alcance educativo do museu, especialmente entre o público leigo.

O Museu do Homem Americano é um dos principais espaços de divulgação científica e cultural da região. Além de ser amplamente procurado para visitas, também oferece espaço para eventos educativos, como palestras, exposições temporárias e atividades culturais, que reforçam seu papel como ambiente dinâmico e formativo.

Em conjunto, os cinco estudos analisados revelam que o Museu do Homem Americano integra ciência, memória, identidade e educação, assumindo um papel central na preservação e democratização do conhecimento arqueológico brasileiro. Dessa forma,



o museu promove a construção de significados e reflexões sobre o processo de povoamento das Américas e o lugar do ser humano na história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o Museu do Homem Americano exerce um papel que vai além da preservação e divulgação do passado. Ele se consolida como um ambiente de Educação Não Formal, promovendo a integração entre ciência, cultura e sociedade, e oferecendo ao público experiências educativas que despertam o interesse pela pesquisa e pela compreensão das origens humanas nas Américas.

Os estudos analisados (E1 a E5) evidenciam que o MHA não é apenas um espaço expositivo, mas um ambiente dinâmico de significação e construção de sentidos (Lopes, 2020), no qual os visitantes podem interagir com os vestígios arqueológicos, compreender processos históricos complexos e refletir sobre as trajetórias culturais e ambientais da Serra da Capivara. Observa-se ainda que os achados arqueológicos expostos, como instrumentos, cerâmicas e fósseis, reforçam teorias sobre a ocupação humana e destacam inovações técnicas dos habitantes pré-históricos da região.

O museu também cumpre uma função social significativa, atuando como difusor do conhecimento científico e ponto de encontro entre a comunidade acadêmica, a população local e visitantes de diferentes regiões e países. Além disso, suas exposições e atividades educativas favorecem a alfabetização científica, democratizando o acesso ao saber, promovendo o pensamento crítico e incentivando novas aprendizagens em diversos públicos.

Desse modo, o Museu do Homem Americano guarda a memória dos primeiros habitantes das Américas, projetando-se como um lugar de descoberta, reflexão e construção de saberes, reafirmando sua relevância para o ensino, a pesquisa, a formação cidadã e o fortalecimento da valorização do patrimônio cultural brasileiro.

REFERÊNCIAS

FUMDHAM – FUNDAÇÃO MUSEU DO HOMEM AMERICANO. **Museu do Homem Americano**. s. d. Disponível em: https://fumdham.org.br/cpt_home/museu-do-homem-americano/. Acesso em: 30 out. 2025.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 14, n. 50, p. 27-38, 2006.



GONÇALVES, Rosa Maria. **Do outro lado do espelho:** fundamentos teórico-poéticos para o Museu do Homem Americano. 2016. 203 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

JACOBUECCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Revista em Extensão**, v. 7, n. 1, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20390>. Acesso em: 30 out. 2025.

LOPES, Maraisa. Museu, para quê?: compreensões sobre o Museu do Homem Americano. **RUA**, v. 26, n. 2, p. 591-614, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8663441>. Acesso em: 30 out. 2025.

MACDONALD, Sharon; FYFE, Gordon. **Theorizing museums:** representing identity and diversity in a changing world. Cambridge, Mass: Blackwell, 1998. 244 p.

MARANDINO, Martha. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal?. **Ciência & Educação** (Bauru), v. 23, n. 4, p. 811-816, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social:** Teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Itamar Soares; MARANDINO, Martha. Alfabetização científica, espaços de educação não formal e formação de professores: reflexões a partir de um curso de extensão. **Revista Internacional de Formação de Professores**, p. e024009-e024009, 2024.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Museus brasileiros e política cultural. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, n. 55, jun. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/65kMwMkhxJbhPM68p8Grrhc/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

SASSERON, Lúcia Helena; DE CARVALHO, Anna Maria Pessoa. Alfabetização científica: uma revisão bibliográfica. **Investigações em ensino de ciências**, v. 16, n. 1, p. 59-77, 2011.

